
A Música no Novo Testamento

— Jack P. Lewis —

O Novo Testamento fala de canto celestial, canto secular e canto em adoração. Para determinarmos o que é necessário para a adoração cristã hoje, é crucial distinguirmos esses tipos e fazermos aplicação somente com os casos de canto como expressão de adoração no contexto da igreja primitiva.

OS EVANGELHOS

O canto celestial ocorreu no nascimento de Jesus: “E, subitamente, apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem” (Lucas 2:13, 14).

Jesus proibiu que se tocasse trombetas antes de dar esmolas (Mateus 6:2). Flautistas estavam entre os pranteadores na casa de Jairo, por ocasião da morte da filha dele (Mateus 9:23). Embora nem o Antigo nem o Novo Testamentos contenham uma cerimônia prescrita para funerais ou casamentos, temos exemplo desse tipo de música. Em Mateus 11:17 há a descrição de crianças na praça dizendo aos seus companheiros: “Nós vos tocamos flauta, e não dançastes; entoamos lamentações, e não pranteastes” (veja também Lucas 7:32). Embora nenhum instrumento seja mencionado, presume-se que a dança de Salomé diante de Herodes tenha tido acompanhamento musical (Mateus 14:6; Marcos 6:22). O filho mais velho ouviu música (συμφωνίας, *symphōnias*) na casa após a volta do irmão pródigo (Lucas 15:25). As pessoas do primeiro século estavam acostumadas com música em celebrações.

A música também está ligada à refeição de Páscoa (que era uma observância doméstica, e não um culto no templo ou na sinagoga). No fim da

refeição, Jesus e Seus discípulos cantaram um hino (ὕμνησαντες, *humnēsantes*) e subiram para o monte das Oliveiras (Mateus 26:30; Marcos 14:26).

O Evangelho de João não faz alusão a música, nem à secular, nem à religiosa. Nas descrições do Novo Testamento dos cultos em sinagogas, não se faz alusão a nenhum tipo de música.

ATOS

Embora a música instrumental fosse conhecida nas comunidades judaicas, bem como entre os gregos, o Livro de Atos não menciona o canto congregacional (seja com acompanhamento, seja a capela) durante o período por ele abrangido. Paulo e Silas oravam e cantavam (ᾠμνοῦν, *humnoun*) à meia-noite, na cadeia filipense, quando o Senhor abriu a cela com um terremoto (Atos 16:25, 26). Essa história não descreve uma situação de adoração congregacional, mas é improvável que algum prisioneiro tivesse um instrumento para fazer o acompanhamento. Esta é a primeira alusão na história ao canto cristão.

AS EPÍSTOLAS

Paulo falou aos coríntios sobre cantar (ψαλω, *psalo*) com o espírito e com a mente (1 Coríntios 14:15). Ele ressaltou que uma reunião de cristãos poderia incluir um hino, ou “salmo” (ψαλμὸν, *psalmon*; 1 Coríntios 14:26).

O sinal de uma trombeta antes da batalha é mencionado numa analogia (1 Coríntios 14:8). No último dia, a trombeta soará e os mortos ressuscitarão incorruptíveis (1 Coríntios 15:52). “O Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus” (1 Tessalonicenses 4:16). Hebreus 12:18 e

19 fala de uma trombeta no monte Sinai.

Paulo também observou o seguinte: “É assim que instrumentos inanimados, como a flauta ou a cítara, quando emitem sons, se não os derem bem distintos, como se reconhecerá o que se toca na flauta ou cítara? Pois também se a trombeta der som incerto, quem se preparará para a batalha?” (1 Coríntios 14:7, 8). Encontramos aqui três dos instrumentos conhecidos nos dias de Paulo: a flauta (αὐλός, *aulos*), a cítara (κιθάρα, *kithara*) e a trombeta (σάλπιγξ, *salpigx*). Numa metáfora em 1 Coríntios 13:1, Paulo falou do bronze que retine (χαλκός, *chalkos*) e do címbalo que retine (κὺμβαλον, *kumbalon*). Vamos olhar mais de perto algumas referências a música nas Epístolas.

Romanos 15:9

Este versículo cita Salmos 18:49 [17:50]: “Glo-

¹Particularmente no Antigo Testamento, os números de capítulos e versículos diferem nas versões bíblicas em

rificar-te-ei [ἐξομολογήσομαι, *exomologesomai*], pois, entre os gentios, ó Senhor, e cantarei louvores [ψαλλῶ, *psallo*] ao teu nome”. A expressão “cantar louvores”, isolada, poderia significar música vocal ou canto com acompanhamento, embora o Novo Testamento não contenha exemplo de louvor com acompanhamento. Nem o salmo nem a citação apresentam alguma indicação de onde o louvor deve ser feito, em particular ou em público.

Romanos 15:11

Salmos 117:1 [116:1] é citado em Romanos 15:11: “Louvai ao Senhor, vós todos os gentios, e todos os povos o louvem”. O texto grego usa αἰνεῖτε (*aineite*, “louvor”) e ἐπαινεσάτωσαν (*epainesatosan*, “louvai”), ambos da mesma raiz. O texto hebraico do salmo, porém, usa dois verbos diferentes, לָלַחַד (*halal*, “louvor”) e שָׁבַח (*shabach*,

hebraico, grego e latim. Os estudiosos indicam a diferença colocando uma das numerações entre colchetes.

A Tradução de *Psallein*

O verbo grego *psallein* no início significava tanger as cordas de um instrumento. Ele ocorre na Septuaginta (LXX) como a tradução do verbo *zamar* e com menor frequência, *de nagan*. Descreve o que Davi fazia com a harpa para acalmar o espírito do rei Saul (1 Samuel 16:16, 17, 23; 18:10). O instrumento tocado é introduzido com a preposição *en* (Salmos 97:5 [98:5]). Quando não se menciona especificamente um instrumento, esse verbo é traduzido por “cantar” ou “entoar”.

Psallein ocorre em quatro passagens do Novo Testamento: Romanos 15:9; 1 Coríntios 14:15; Efésios 5:19 e Tiago 5:13. A Vulgata traduziu o vocábulo uma vez por *cantabo* (Romanos 15:9), mas também a transliterou para *psallam*. A tradução inglesa desde a época de John Wycliffe (ca. 1328–84) tem sido “cantar”. Todavia, Efésios 5:19 diz “cantando e entoando salmo”. William Tyndale traduziu essas palavras por “cantando e fazendo melodia” e o Novo Testamento de Rheims diz “salmodiando e cantando”. J. B. Rotherham usou “cantando e tangendo as cordas com o vosso coração” e a versão de W. J. Conybeare é “fazer melodia com a música dos seus corações”. Outra tradução inglesa chamada *Twentieth Century New Testament* diz “cantar e fazer música em

seus corações”. Somente W. F. Beck interpretou o versículo como “... com seus corações cantam e tocam música ao Senhor”. Beck verteu as outras três ocorrências para “cantar”. Ronald Knox (1947) traduziu por “... cantar e dar louvor ao Senhor em seus corações”. Algumas traduções inglesas do século XX vertem todas as ocorrências para “cantar”, exceto Efésios 5:19, onde usam “fazer música do seu coração” (*Revised English Bible*, *Today's New International Version* e *Holam Christian Standard Bible*). A NVI em inglês (NIV) diz “fazer música em seu coração”. A versão de Hugo McCord traz “tangendo as cordas do seu coração”, mas em outros casos diz “cantar”. A RC diz “cantar e salmodiar no coração”.

Provavelmente, os tradutores se debateram com a variedade de opções para *aidontes* e *psallontes*, e não com a questão música instrumental *versus* música a capela.

A expressão “de coração” ou “no coração” (RC) (τῆ καρδία, *te kardia*) também precisa ser examinada. No grego ela traça um paralelo exato com “cantar com a mente” em 1 Coríntios 14:15. Hebreus 13:15 fala de “sacrifício de louvor [a Deus], que é o fruto de lábios que confessam o seu nome” (Hebreus 13:15).

Jack P. Lewis

“enaltecimento”). Esses verbos não implicam em si qualquer uso de instrumento. A ação denotada poderia ser feita vocalmente ou com acompanhamento instrumental. O texto sozinho não especifica nenhuma dessas possibilidades.

1 Coríntios 14:15

Paulo falou de cantar (*ψάλλω*, *psallo*) com o espírito e com a mente. Esta passagem nunca foi traduzida por “tocar” com o espírito e “tocar” com a mente; nem tampouco por “cantarei e tocarei”. Na primeira parte do versículo, Paulo disse a mesma coisa sobre orar. O contexto deixa claro que “com a mente” significa “com linguagem inteligível”. Paulo não estava prevendo o uso de palavras extáticas [causadas por êxtase].

“Espírito” pode ser usado em mais de um sentido. Quando um líder diz para fazerem algo com “espírito”, ele pode estar dizendo “com mais entusiasmo ou ânimo”. Foi esse o sentido usado por Paulo aqui.

1 Coríntios 14:26

“Que fazer, pois, irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo [*ψαλμὸν*, *psalmon*]”. Embora esse substantivo derive de *ψαλλεῖν* (*psallein*), o trecho acima nunca foi traduzido por “um tem harpa [ou flauta ou qualquer outro instrumento]”; nem por “cada um tem um cântico com acompanhamento”.

Ademais, essa passagem mostra sem sombra de dúvida que cantar fazia parte da reunião de adoração em Corinto, assim como as orações. A adoração mencionada não teve que esperar pelos defensores do canto a capela do século XIX para ser introduzida. Paulo foi explícito ao dizer: “Quando vos reunis”. A reunião de adoração era o tema em discussão nesse capítulo. A igreja coríntia cantava. No versículo 33 Paulo contrastou “em todas as igrejas dos santos” com “em casa” no versículo 35.

O escritor de Hebreus, citando a tradução grega de Salmos 22:22 [21:23], declarou: “A meus irmãos declararei o teu nome; cantar-te-ei louvores [*ὕμνήσω*, *humneso*] no meio da congregação” (Hebreus 2:12). Isto estava sendo feito “na congregação”.

Efésios 5:19

Efésios 5:19 vem após o imperativo “enchei-vos do Espírito”, com três participios. O primeiro é “falando [*λαλοῦντες*, *lalountes*] entre vós”. Como isto deve ser feito? Em “salmos e hinos e cânticos espirituais”. Esses mesmos três tipos de

cânticos são citados em Colossenses 3:16.

A segunda forma de participio no versículo 19 é *ᾄδοντες* (*aidontes*), traduzida por “entoando”. Essa raiz também é usada em Colossenses 3:16. Uma forma nominal da palavra aparece em Efésios 5:19; Colossenses 3:16; Apocalipse 5:9; 14:3; e duas vezes em Apocalipse 15:3. O terceiro participio, *ψάλλοντες* (*psallontes*), pode ser traduzido por “louvando de coração”. A forma verbal dessa palavra encontra-se em quatro passagens do Novo Testamento: Romanos 15:9; 1 Coríntios 14:15; Efésios 5:19 e Tiago 5:13. O substantivo *salmos* ocorre em três passagens (Lucas 20:42; Atos 1:20; 13:33) referindo-se ao Livro de Salmos e três vezes como um tipo de cântico (1 Coríntios 14:26; Efésios 5:19; Colossenses 3:16).

O versículo seguinte, Efésios 5:20, encontramos outro participio, *εὐχαριστοῦντες* (*eucharistountes*), que é traduzido por “dando graças”. Havendo objeção ao fato de se atribuir força imperativa a esses participios, pelo menos é inegável que eles expressam admoestações. Alguém diria que prestar atenção a uma admoestação é opcional para um cristão?

Nos últimos seis séculos, desde o tempo de John Wycliffe (ca. 1328–84) e do primeiro Novo Testamento em inglês², esta passagem (com variações ortográficas) sempre foi vertida para: “falando com salmos, hinos e cânticos espirituais”. As três atividades vocais são descritas como “o fruto de lábios” em Hebreus 13:15.

Nunca houve a tradução “tocando salmos, hinos e cânticos espirituais” (conforme as evidências). Do sexto século em diante (e na Inglaterra desde o século XIV), as pessoas que usam instrumentos na adoração agem com base em pressuposições; mas não ousam modificar as palavras do Novo Testamento.

Tiago 5:13

“Está alguém entre vós... alegre?”, perguntou Tiago. “Cante [*ψαλλέτω*, *psalleto*] louvores.” O cenário de Tiago 5:13 não é adoração congregacional, mas não há sugestão de instrumento musical. O texto original usa uma flexão do importante verbo *psallein*, sendo traduzido por “cantar” nos últimos seis séculos. Jamais foi interpretado aqui como “tocar” ou “cantar e tocar”.

²Houve outro Novo Testamento editado por Anna Puaes no século XIV. (Anna C. Puaes, ed. *A Fourteenth Century English Biblical Version*. Cambridge: University Press, 1902.)

APOCALIPSE

As alusões a música em Apocalipse são poucas e nenhuma descreve atividades na igreja. Uma cena celestial retrata quatro seres viventes e vinte e quatro anciãos, cada um segurando uma harpa (κιθάρα, *kithara*) e se prostrando diante do Cordeiro. Eles “entoam” (ᾄδουσιν, *aidousin*) novo cântico (ὄδη, *ode*), declarando que o Cordeiro é digno de abrir os selos do livro (5:8–10). Os que venceram a besta e sua imagem possuem harpas de Deus e entoam o cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro (15:2–4).

Numa símile usada em Apocalipse 14:2, ouve-se um som comparado a harpistas tangendo suas harpas. Uma voz de ordem é descrita como uma trombeta (1:10; 4:1) e outra é comparada a uma multidão, a muitas águas e a fortes trovões (19:6).

A trombeta como um instrumento sinalizador aparece tanto no Antigo como no Novo Testamento. Ela é mencionada diversas vezes (veja, por exemplo, 8:13; 9:14). Apocalipse 1:10 e 4:1 usa a trombeta em símiles para uma voz de comando. Sete anjos soprando trombetas formam um dos ciclos do livro (8:6, 7, 8, 10, 12, 13; 9:1, 13, 14; 10:7; 11:15). Trombetas são mencionadas mais uma vez numa passagem que descreve música na Babilônia, não no céu (18:22). Com a queda da Babilônia, harpistas, músicos, flautistas e trombeteiros já não seriam ouvidos. Os anciãos com harpas são de fato mencionados em 5:8, e há outros tendo harpas de Deus em 15:2. Se esses dois casos justificam o uso de instrumentos na adoração da igreja, como algumas igrejas partiram das harpas para as orquestras? Na verdade, poucas congregações cantam com harpas.

Apocalipse apresenta muitos itens que não fazem parte da adoração na igreja. Vejamos, por

exemplo, os seguintes:

- taças de ouro cheias de incenso (5:8; veja 8:3)
- um trono (4:2)
- seres com múltiplas faces (4:6–8)
- anciãos vestidos de branco e coroas de ouro (4:4)
- um livro selado (5:1–7)
- cavaleiros (6:4–8)
- vestiduras brancas e palmas (7:9)
- anjos (8:6)
- um altar de ouro (8:3)
- a arca da aliança (11:19)
- taças de ouro cheias da cólera de Deus (15:7)

Se as duas menções de harpas em Apocalipse justificassem a introdução de música instrumental na adoração cristã, como esses outros itens poderiam ser excluídos?

Versões da Bíblia Usadas nesta Edição

A21—Almeida Século 21

BV—Bíblia Viva

KJA—King James Atualizada

LXX—Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento

NTLH—Nova Tradução na Linguagem de Hoje

NVI—Nova Versão Internacional

RA—Almeida Revista e Atualizada

Rheims—a tradução de Douay-Rheims da Vulgata

RC—Almeida Revista e Corrigida

Vulgata—a tradução latina feita por Jerônimo de Stridon

A Música na Adoração Durante a Restauração

— Jack P. Lewis —

Os instrumentos musicais também foram assunto nas igrejas da restauração. Antes da Guerra Civil Norte-americana (1861–65), as congregações que usavam instrumentos eram raras. Surgiu inicialmente uma congregação na Sixth Street, em Cincinnati, Ohio, usando música instrumental¹. Em 1859, sob influência de L. L. Pinkerton, a igreja em Midway, Kentucky, introduziu um harmônio, um pequeno órgão, a despeito do protesto de alguns membros. Alexander Campbell, em 1851, disse que “para todos os cristãos espirituais recursos eram como um sinete de vaca num concerto”².

Após a guerra, J. W. McGarvey (1829–1912) comentou sobre a mudança que ocorreu. Antes, nenhum pregador defendia o uso de instrumentos, mas McGarvey viu alguns contestando que era apenas uma questão de conveniência. McGarvey insistiu que as Escrituras não autorizam o uso de instrumentos³.

Moses E. Lard (1818–80) salientou que o princípio em jogo era “o direito de homens introduzirem inovações na adoração prescrita por Deus”⁴.

Robert Richardson (1806–76), um médico norte-americano e líder religioso, respondeu negativamente à alegação de que o instrumento é uma conveniência. Disse ele: “Se em alguma parte o

Novo Testamento dissesse que os cristãos devem usar instrumento, então seria uma questão de conveniência qual tipo de instrumento deveria ser usado”⁵.

Numa congregação após a outra, aumentaram as divisões e insatisfações com a introdução de instrumentos, fossem ou não a maioria os que defendiam tal prática. Em muitos casos os que se opunham à música instrumental na adoração tinham que se retirar da congregação.

A primeira importante defesa do instrumento num debate surgiu com a insistência de O. E. Payne de que a palavra grega *psallo* em Efésios 5:19 implica tanger cordas⁶. Ainda persiste a discussão, com a insistência de que a tradução inglesa “fazendo música” ou “fazendo melodia” permite o acompanhamento instrumental. Os oponentes deste argumento sempre salientam que se fosse esse o significado de *psallo*, então tocar um instrumento não seria uma opção, mas um requisito. O texto não apresenta um expediente opcional a ser feito ou não, conforme o grupo de adoradores decidir. Os que se opõem aos instrumentos também insistem que se o termo significa tanger cordas, então o versículo indica o instrumento: o coração humano. Hugo McCord, em sua tradução do Novo Testamento, fez esta paráfrase: “tocando as cordas do coração”.

Outro tipo de defesa argumenta que, se os instrumentos são mencionados em dezesseis salmos, eles não são repulsivos a Deus. Além disso, há o

¹John Boggs, “City Items”, *Northwestern Christian Magazine*. Dezembro de 1855, p. 191.

²Alexander Campbell, “Instrumental Music”, *The Millennial Harbinger* 22, 4o. ser., 1. Outubro de 1851, p. 582.

³J. W. McGarvey, “A Little Further Along”, *Apostolic Times*. Abril de 1869, p. 13.

⁴Nota do Editor, em Hiram Christopher, “Instrumental Music in Churches of Christ”, *Lard’s Quarterly*. Outubro de 1867, p. 368.

⁵Robert Richardson, “Expediency,” *Christian Standard*. 1868, p. 409.

⁶O. E. Payne, *Instrumental Music Is Scriptural*. Cincinnati: Standard Publishing Co., 1920, p. 62.

fato de que Apocalipse descreve o uso de instrumentos no céu. A conclusão proposta é que Deus deve aprová-los. Muitas coisas mencionadas em Salmos não são adotadas por congregações instrumentais, e o mesmo ocorre em relação ao Livro de Apocalipse.

Desde o começo, as congregações que cantam a capela veem o uso de instrumentos musicais na adoração como um equívoco na questão da autoridade bíblica. Tolbert Fanning (1810–74) escreveu em 1856: “Consideramos a adoração com órgão e violino e até com os modernos corais do nosso país como uma zombaria de tudo que é sagrado”⁷.

Isaac Errett, em 1861, disse: “O espírito deste movimento [de reforma], como as reformas anteriores, não é favorável aos corais e à música instrumental”⁸. Em 1864, J. W. McGarvey escreveu:

Nos anos anteriores à atual Reforma havia total unanimidade na rejeição de música instrumental em nossos cultos públicos. Era declarada antibíblica e uma fonte de corrupção.⁹

McGarvey, afirmando que o que era aceitável no Antigo Testamento pode ser errado debaixo do Novo Testamento, deu os exemplos de sacrifício de animais, aspersão de sangue, incenso e luz permanente no tabernáculo/templo. Outros exemplos são a observância de várias festas e o uso de vestes especiais. Ele também afirmou que o que é errado na terra pode ser permitido a anjos e santos no céu. Ele duvidava que harpas de ouro devessem ser entendidas no sentido literal e insistia que o ensino do Novo Testamento é a medida do que é aceitável. McGarvey desafiou seus leitores a produzirem um elemento de adoração aceitável a Deus, porém não autorizado no Novo Testamento¹⁰. É espantoso como tem sido ínfimo o progresso em 140 anos de discussão. O que se diz hoje é o mesmo que se dizia no começo.

Em 1939, H. Leo Boles, neto de “Raccoon” John Smith, foi convidado por Claud E. Witty

para falar na reunião da Igreja Cristã (Christian Church) realizada em Indianápolis, Indiana. Boles falou sobre a Sociedade Missionária, música instrumental e a ideia da igreja ser uma denominação. A palestra foi publicada tanto no *Gospel Advocate* como no *Christian Standard*.

Boles foi claro e direto. Ele deu uma panorâmica da divisão por causa da música instrumental. Os que introduziram o instrumento o consideravam uma questão de conveniência sobre a qual tinham permissão e liberdade. Outros argumentos só foram elaborados quando a prática foi ameaçada.

Entende-se “liberdade cristã” como a condição de poder ter o que se quer na adoração sem ser protestado. Boles só via duas possibilidades: ou a prática é autorizada ou ela pertence ao campo da opinião e conveniência. Se *psalmo* em Efésios 5:19 ordena o uso do instrumento, então ele tem que ser usado. Não se trata de uma questão opcional. Se o instrumento pertence ao campo da opinião e conveniência, disse ele, então é pecado porque ele causa divisão (veja 1 Coríntios 8:13). Os usuários são responsáveis pela divisão que acabou acontecendo. Os que o introduziram, não os opositores, causaram desunião. J. W. McGarvey já havia respondido ao argumento da conveniência quase cem anos atrás¹¹.

Boles enfatizou que não pode haver unidade onde a liberdade de opinião em áreas de silêncio nas Escrituras é exaltada a um nível de igualdade com a Palavra de Deus. Para sustentar a sua afirmação, ele citou textos conhecidos: Deuteronômio 12:32; Provérbios 16:25; Mateus 15:1–9. Muito tempo atrás, Jeremias escreveu: “Eu sei, ó Senhor, que não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos” (Jeremias 10:23).

H. Leo Boles declarou: “Opiniões, os homens podem ter; opiniões, os homens sempre terão; mas o que se deve fazer com essas opiniões? Visto que pertencem a ‘áreas de silêncio’, que sejam mantidas em silêncio”¹².

⁷Tolbert Fanning, “The Church of Christ, No 2,” *Gospel Advocate* 2, 1856, p. 199.

⁸Isaac Errett, “Church Music,” *The Millennial Harbinger* 35, 4o. ser., 3, outubro de 1861, p. 559.

⁹J. W. McGarvey, “Instrumental Music in Churches,” *The Millennial Harbinger* 35, 5o. ser., 7, novembro de 1864, p. 510.

¹⁰Ibid., pp. 511–13.

¹¹J. W. McGarvey, “Bro. Hayden on Expediency and Progress,” *The Millennial Harbinger* 39, Abril de 1868, pp. 213–16.

¹²H. Leo Boles, “The Way of Unity Between ‘Christian Church’ and Churches of Christ,” *Gospel Advocate* 81, 8 de junho de 1939, p.533; Alexander Campbell, “Opinionism,” *The Millennial Harbinger* 1, nova série, 10, outubro de 1837, pp. 439–42.

Perguntas Frequentes

P: Como sabemos que a igreja primitiva não usava música instrumental?

R: Os historiadores quase universalmente concordam que a igreja primitiva não usava música instrumental na adoração. Entretanto, várias explicações são dadas para isso. H. M. Best e D. Huttar observou que os judeus já não usavam instrumentos musicais depois que o templo foi destruído no ano 70 d.C.¹ Alguns, sem prova alguma, acreditam que isso teria causado um impacto na adoração cristã. Best e Huttar explicaram:

...a Igreja é instruída a usar música; a se comunicar (uns com os outros) com salmos, hinos e cânticos espirituais. Se há omissões quanto à música instrumental ou à dança, não precisamos necessariamente interpretar isso como sinal de que, por serem usadas em ritos [gregos] misteriosos de orgia, ou em cultos judaicos hoje hostis, eram erradas. Primeiramente, a Igreja primitiva era transitória, temporariamente sediada em casas, barcos, praias e praças públicas. Ela geralmente se escondia dos que tentavam destruí-la. Não havia tempo para nada, senão os recursos e as atividades mais simples em seus cultos.²

Esta explicação sobre o motivo de os cristãos não usarem instrumentos musicais é simplesmente uma conjuntura, mas mostra que os cristãos primitivos não usavam instrumentos na adoração congregacional.

É de consenso geral que os primeiros cristãos cantavam sem acompanhamento instrumental nos cultos públicos. “Os cânticos eram entoados sem acompanhamento, em melodias monofônicas e sem métrica”³.

Everett Ferguson, numa crítica a declarações referentes à música da igreja primitiva, escreveu:

As referências mais antigas a cultos cristãos mencionam o canto, porém se calam quanto aos instrumentos. No quarto século, alguns escritores observaram a diferença entre o não uso de instrumentos entre cristãos e a proeminência deles nos sacrifícios pagãos e no templo judaico. Theodoret (*Quaes. Et resp. ad Orth.* 107) e Niceta (*Util. Hymn.* 9) explicaram que a música instru-

mental pertenceu à infância do povo de Deus e estava entre as práticas do Antigo Testamento, como sacrifício, circuncisão e o sábado de descanso, que haviam sido anuladas no Novo Testamento, onde cantar sem acompanhamento era útil para aquietar as paixões e elevar os pensamentos a Deus.⁴

A enciclopédia de música Oxford tem coerentemente, em suas várias revisões, relatado que os cristãos primitivos não usavam instrumentos musicais. A edição de 1983 afirma:

Visto que os primeiros cristãos eram judeus, não é surpresa que a música por eles adotada nas assembleias da igreja tenha sido emprestada diretamente dos ritos realizados antes nas sinagogas, em particular a entoação de salmos e cânticos sem acompanhamento.⁵

Na maioria dos casos, os cristãos romperam com as tradições do templo em vez de copiar ritos e rituais judaicos. Paulo comentou o seguinte a respeito das práticas judaicas: “Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados” (Colossenses 2:16).

O canto com acompanhamento instrumental começou a ser praticado muitos anos após Jesus ter preparado Seus seguidores e os enviado para plantar o cristianismo em cada parte da terra. Todavia, o órgão pode ter começado a ser usado somente séculos depois:

O órgão parece ter sido transportado da cerimônia real do imperado para a igreja, mas somente no Ocidente e se discute se isso aconteceu no sé-

¹H. M. Best and D. Huttar, “Music, Musical Instruments”, *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, ed. Merrill C. Tenney. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1975, vol. 4, p. 315.

²Ibid., p. 319.

³Homer Ulrich, *Americana Encyclopedia*. Danbury, Conn.: Grolier Press, 2000, vol. 19, p. 650.

⁴Everett Ferguson, ed., “Music,” *Encyclopedia of Early Christianity*, 2a. ed. Nova York: Garland Publishing, 1997, vol. 2, p. 789. Theodoret (390–458 d.C.), líder da igreja na Síria, escreveu *Questões e Respostas para os Ortodoxos*. Em resposta à pergunta 107, ele disse: “Não é o simples cantar que pertence à infância da igreja, mas o cantar com instrumentos inanimados, com dança e com palmas. Conseqüentemente, o uso de tais instrumentos e outros que pertencem à infância é excluído do canto nas igrejas, ficando o canto simples”. Niceta (335–414 d.C.), um líder da igreja na Europa Oriental, formulou o conceito de “cantar em silêncio” em *Da Utilidade de Se Cantar Hinos*. Disse ele: “É hora de recorrer ao Novo Testamento para confirmar o que é dito no Antigo... Só as instituições corporais têm sido rejeitadas, como a circuncisão, o sábado, os sacrifícios, a discriminação de alimentos. O mesmo se aplica a trombetas, harpas, címbalos e pandeiros. Para o som desses instrumentos temos agora um substituto superior na música que sai das bocas dos homens”.

⁵Anthony Pryer, “Church Music,” *The New Oxford Companion to Music*, ed. Denis Arnold. East Kilbride, Scotland: Oxford Press, 1983, vol. 1, p. 388.

timo século ou no décimo.⁶

O testemunho dos historiadores, no mínimo, indica que a igreja primitiva durante cerca de dez séculos não usou instrumentos de música na adoração. A mesma conclusão é evidente com base nos documentos do Novo Testamento. O procedimento mais seguro, portanto, para os cristãos é continuar cantando a capela na adoração congregacional.

P: O que os líderes do Movimento de Restauração ensinaram sobre o uso de instrumentos na adoração?

R: Ensinaram que, porque o Novo Testamento continha o ensino de Jesus, ele é o único modelo para Seus seguidores e é reconhecido como tal pelas igrejas de Cristo.

Talvez o escritor mais prolífico e influente do Movimento de Restauração, Alexander Campbell (1786–1866), deu uma resposta por escrito às questões da dança e do uso de instrumentos musicais na adoração:

...na era do Novo Testamento, nada lemos sobre danças religiosas, nem sobre harpas, saltérios e trombetas religiosas. Em toda as instruções e exortações do Novo Testamento, não se acha nada sobre o assunto da dança. Todavia, existia dança naquele tempo, bem como nos tempos antigos dos patriarcas e judeus.⁷

Campbell prosseguiu declarando como era totalmente incabível a música instrumental na adoração cristã.⁸

Isaac Errett (1796–1872), que coeditou *The Millennial Harbinger* com Alexander Campbell, escreveu um extenso artigo sobre música instrumental. Disse ele:

...o espírito deste movimento [de reforma], como as reformas anteriores, não é favorável aos corais e à música instrumental...

...Sendo a igreja de Cristo o lar comum de todo o seu povo—“bárbaro, cita, escravo, livre”, os quais são “todos um em Cristo Jesus”; e sendo o canto a única parte da adoração em que a grande massa de cristãos pode participar pessoalmente; jamais deve se permitir que o canto de um coral ou que a música instrumental interfira

⁶Ferguson, p. 789.

⁷Alexander Campbell, “Dancing”, *The Millennial Harbinger* 22, 4o. ser., 1, setembro de 1851, p. 506.

⁸Alexander Campbell, “Instrumental Music”, *The Millennial Harbinger* 22, 4o. ser., 1, outubro de 1851, pp. 581–82.

ram por um momento neste privilégio e direito dos santos.⁹

Moses E. Lard (1818–80), um erudito astuto, apresentou um conjunto de princípios para mostrar que instrumentos de música não são justificáveis na adoração. Ele concluiu:

Agora... que defesa pode se fazer para a introdução em algumas de nossas congregações de *música instrumental*? A resposta que sussurra ao meu ouvido de cada página do Novo Testamento é: nenhuma. Cristo falou dela? Os apóstolos alguma vez a autorizaram? Ou alguma das igrejas primitivas a usou? Nunca. Como, então, devemos ver quem tenta introduzi-la nas igrejas de Cristo de hoje? Respondo: como um insultador da autoridade de Cristo, e como um provocador e inovador ímpio da simplicidade e pureza da adoração antiga. Não podemos vê-lo de outra forma, ele não pode ser visto de outra maneira.¹⁰

Outro erudito reconhecido que escreveu em oposição a instrumentos na adoração foi J. W. McGarvey (1829–1912). Disse ele:

Nos anos anteriores à atual Reforma havia total unanimidade na rejeição de música instrumental em nossos cultos públicos. Era declarada antibíblica e uma fonte de corrupção.

...A oferta de vítimas, a aspersion de sangue, a queima de incenso e a luz perpétua de luzeiros queimando eram aceitáveis a Deus na adoração judaica; mas não são na adoração cristã, nem o é a música instrumental.¹¹

Owen D. Olbricht

⁹Isaac Errett, “Church Music”, *The Millennial Harbinger* 32, 4o. ser., 3, outubro de 1861, p. 559.

¹⁰Moses E. Lard, “Instrumental Music in Churches and Dancing,” *Lard’s Quarterly* 1, março de 1864, p. 331.

¹¹J. W. McGarvey, “Instrumental Music in Churches”, *The Millennial Harbinger* 35, 5o. ser., 7, novembro de 1864, pp. 510–11.

A Verdade Está em Jesus

A verdade vem por meio de Jesus (João 1:17). Os que são da verdade são de Jesus (João 10:27). Ouvimos a Sua voz (João 18:37) e não conhecemos a voz de estranhos (João 10:5). Visto que Jesus e Seus apóstolos não instruíram os cristãos a adorar com instrumentos musicais, uma pessoa precisa estar escutando a voz de um estranho para introduzir instrumentos na adoração a Deus.

Owen D. Olbricht

A Música na Adoração Durante a Reforma

— Jack P. Lewis —

Os envolvidos na Reforma, os quais tentavam promover a concordância da igreja do século XVI com as Escrituras, enfrentaram a questão do uso de música instrumental na adoração. Os instrumentos tornaram-se a prática na Igreja Católica Romana. A Igreja havia introduzido na adoração o uso de imagens, incenso, velas, relíquias e muito mais. O reformador inglês John Wycliffe (Ca. 1328–84) era favorável ao canto sem acompanhamento¹, assim como John Huss (Ca. 1369–1415) da Boêmia, o qual apoiava o canto congregacional².

Martinho Lutero (1483–1546), o monge alemão que se tornou um membro destacado do Movimento de Reforma, era indiferente ao uso de imagens e de instrumentos. Na opinião dele, os dois casos eram uma questão de liberdade na adoração. Gerhard Carlstadt (Ca. 1480–1541), também alemão, opunha-se a imagens e instrumentos. Ele argumentou que o tocador de instrumento não poderia adorar estando ocupado com a produção musical. Carlstadt defendia o canto sem acompanhamento entoado por toda a congregação.

Huldreich Zwingli (1484–1531), em Zurique, Suíça, tomou uma posição importante. Embora fosse um músico talentoso, Zwingli insistiu que somente o que Cristo ordenou no Novo Testamento deveria fazer parte da adoração da igreja. O que for acrescentado ao mandamento de Cristo, afirmou ele, é abuso. Em resposta a esse ensino, o órgão deixou de ser usado em alguns cultos. Todavia, por interpretar que Efésios 5:19

e Colossenses 3:16 falam de cantar internamente no coração e não com a voz, ele também eliminou a música vocal na Igreja em Zurique. Usava instrumentos musicais para divertimento em casa. Heinrich Bullinger (1504–75), sucessor de Zwingli em Zurique, também se opunha ao uso de música instrumental na igreja.

João Calvino (1509–64), que liderou a Reforma na França e na Suíça, afirmou: “Não podemos adotar nenhum artifício que nos pareça conveniente, mas vejamos as injunções d’Ele que é o único com o direito de prescrever”³. Sem nenhuma ordem ou exemplo favorável ao uso de instrumentos mecânicos no Novo Testamento, não temos autoridade para introduzi-los na igreja. Calvino não se opunha ao uso privado de instrumentos, apenas ao uso deles na assembleia cristã. Theodore Beza (1519–1605), sucessor de Calvino, também se opunha ao uso de instrumentos na adoração.

No que hoje se denomina Reforma Radical, Menno Simons (ca. 1496–1561), na Holanda, opunha-se a qualquer coisa que não fosse expressamente ordenada nas Escrituras. John Knox (Ca. 1514–72) promoveu opiniões semelhantes na Escócia. As igrejas escocesas reformadas tornaram-se severas oponentes do instrumento. Os primeiros reformadores ingleses opunham-se aos instrumentos, embora a Igreja Anglicana tenha acabado por adorar a prática de usá-los. Os primeiros puritanos, que regulamentaram sua prática segundo as ordens e exemplos

¹Gotthard Lechler, *John Wycliffe and His English Precursors*, trad. Peter Lorimer. Londres: Religious Tract Society, 1884, p. 298.

²Gustave Reese, *Music in the Renaissance*. Nova York: W. W. Norton & Co., 1959, pp. 732–33.

³John Calvin, *The Necessity of Reforming the Church*. Edinburgh: Calvin Translation Society, 1844; reprint, Dallas: Protestant Press, 1999, p. 16.

do Novo Testamento, opunham-se a eles⁴.

Os puritanos norte-americanos, incluindo os de Boston, também sustentavam essa opinião. Cotton Mather (1663–1728) disse: “Não há uma palavra sequer no Novo Testamento sobre a instituição de música instrumental na adoração a Deus”⁵.

Vê-se outra oposição nos escritos do conhecido comentarista metodista Matthew Henry

⁴Henry Wilder Foote, *Three Centuries of American Hymnody*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1940; reimpressão, Hamden, Conn.: Archon Books, 1968, pp. 76–79.

⁵Cotton Mather, *The Great Works of Christ in America*. Londres: S.c.p., 1702; reimpressão, Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1979, vol.2, p. 266.

(1661–1714), o qual não aprovava nem a música nem a dança. Ele via ambas como atividades inseparáveis. Isaac Watts (1674–1748), o primeiro escritor inglês de hinos populares, opunha-se aos argumentos em prol da música instrumental que se baseavam no Antigo Testamento e em Apocalipse. Charles Spurgeon (1834–92), um renomado pregador batista, rejeitou instrumentos musicais só em 1880. Comentando Salmo 42:4, ele disse: “Podemos orar através de um instrumento mecânico tanto quanto louvar por meio dele”⁶.

⁶Charles H. Spurgeon, *The Treasury of David*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1957, vol. 1, p. 272.